



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Comunicações e Artes

Departamento de Jornalismo e Editoração

Educ(ativa):
**Uma jornada por experiências transformadoras
inseridas no ensino básico**

Relatório técnico do Projeto Experimental em
Jornalismo apresentado ao Curso de Graduação
de Jornalismo da Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo

Autora: Isabella Vitoria Galante Amaral
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Mônica Rodrigues Nunes

São Paulo
Dezembro de 2019

Índice

Resumo.....	2
Palavras-chave.....	2
Ficha técnica	2
Introdução.....	3
Justificativa.....	5
Fundamentação teórica.....	8
Referencial teórico e filmográfico.....	13
Memorial descritivo.....	14
Bibliografia e filmografia.....	19
Considerações finais.....	24

Resumo

“Educ(ativa)” é um projeto com foco na área de educação que trata de iniciativas transformadoras aplicadas a institutos públicos e particulares de ensino básico que aperfeiçoam a experiência de aprendizagem dos estudantes e promovem autonomia por meio de metodologias ativas. Repensando o papel da escola, se investiga como as novas dinâmicas de ensino ajudam a criar a educação do futuro, mais adequada às necessidades contemporâneas.

Palavras-chave

Educação, Metodologias ativas, Inquiry-based learning, Learner-centered, Protagonismo, Inovação escolar, Desenvolvimento integral, Pensamento crítico, Gestão participativa, Autonomia

Ficha Técnica

TÍTULO: Educ(ativa): Uma jornada por experiências transformadoras inseridas no ensino básico

ANO: 2019

DURAÇÃO: 63 minutos

ROTEIRO, DIREÇÃO E PRODUÇÃO: Isabella Galante

FOTOGRAFIA E CÂMERA: Isabella Galante

SUPORTE DE CÂMERA: Isabella Galante

ARTE: Isabella Galante

EDIÇÃO DE IMAGEM: Isabella Galante

EDIÇÃO DE SOM: Isabella Galante

Introdução

A Constituição Federal brasileira, em seu artigo 205, especifica que: “a educação (...), será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ao mesmo tempo, 2,1 milhões de crianças e adolescentes estão fora da escola (IBGE - 2016); 34% dos alunos que chegam ao 5º ano de escolarização ainda não conseguem ler e 20% dos jovens que concluem o ensino fundamental e que moram nas grandes cidades não dominam o uso da leitura e da escrita (Todos pela Educação).

A alta taxa de evasão nas escolas (o Brasil, com 24,3%, é a terceira maior entre as 100 nações com maior IDH (PNUD - 2012)), atrelada ao aumento na insatisfação da população com a educação básica do País (apenas 31% avalia o ensino público como ótimo ou bom (CNI - 2017)), são a prova de que os modelos vigentes de ensino deixaram de fazer sentido para os pupilos e não geram os resultados esperados na formação.

Os estudantes que perdem o interesse na instrução passam a acreditar que são incapazes de aprender e, muitas vezes, acabam por abandonar a sala de aula.

Em setembro de 2015, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que incluía uma meta abrangente sobre educação (SDG-4). A proposta prevê que um cidadão global deve ser equipado com habilidades indispensáveis para fazer contribuições valiosas para uma economia global, por exemplo pensamento ágil e crítico.

O modelo tradicional de educação pode ser descrito como ultrapassado e falho, pois foi desenvolvido em outro contexto social, e carrega uma metodologia pouco eficiente baseada em memorização e recepção passiva. A conjuntura contemporânea dispõe do acesso a informações rapidamente, assim, o conhecimento enciclopédico e cumulativo não satisfaz as demandas do século 21.

Nos últimos anos, acompanhamos fortes transformações nos ambientes organizacionais, nos modos de produção, nas relações humanas, até com extinção de postos de emprego e profissões e criação de novos. A sociedade mudou. Nosso estilo de vida já não é o mesmo. Então, por que a estrutura escolar, frequentemente, ainda é?

Diante desse cenário, ações educativas que estão fundamentadas em práticas que fortalecem a participação dos educandos, considerando necessidades, individualidades e interesses, são alternativas para sua emancipação e participação ativa na resolução de problemas em suas comunidades.

Entretanto, cada concepção é única, na medida que não segue uma cartilha pronta ou se prende a um sistema, se desafiando à reinvenção constante. Para ser transformadora, a instituição precisa começar por transformar a si mesma.

O que há em comum é que o currículo não é simplesmente transmitido de docente para estudante. É um processo através do qual os alunos estão engajados em procurar respostas ativamente, trabalhando cooperativamente, acessando informações, sintetizando e analisando, apresentando suas hipóteses, testando-as e desenvolvendo novas questões a serem exploradas.

Nesse sentido, o educador age mais como um mentor e um facilitador que um palestrante. Sua função é mediar atividades, realizar a curadoria de materiais e fontes

diversas de conhecimento, e atuar como designer da aprendizagem, identificando necessidades pedagógicas e lançando mão de ferramentas que sejam capazes de atendê-las.

Não é justo jogar a responsabilidade da formação do cidadão em cima do professor porque ele não é detentor de todas as respostas, e nem deveria ser.

Por via de regra, as instituições, para integrar esse movimento, estão mais conectadas com as competências: pensamento crítico, resolução de problemas, colaboração, agilidade, comunicação efetiva. De tal maneira, que sejam desenvolvidas atitudes que contribuam para a inserção do jovem na vida social, política e econômica da nação e os empodere para transformar seus saberes em ações significativas.

As comunidades de aprendizagem ampliam a consciência, possuem uma abordagem humanizada e individualizada, buscam promover o aperfeiçoamento integral do ser (dimensões intelectual, emocional, cultural, física e social) e incentivam para que o estudante alcance seu potencial máximo.

Os países que atualmente ostentam os melhores resultados nos rankings de educação, sendo eles os nórdicos, a exemplo da Finlândia, são os que dão um tratamento diferenciado para o ensino: mais livre, com foco no aluno, logo, mais efetivo e duradouro.

Levando em consideração o exposto, o projeto buscou iniciativas formais que espelham as mudanças da sociedade na educação, adaptando-se às realidades locais, justamente para reverter o cenário deficiente.

O documentário, empreendido no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), faz uma análise qualitativa do assunto, através de uma linguagem visual informativa, apresentando experiências que apontam para novas tendências educacionais, no Brasil e no exterior.

Ao mostrar a trajetória percorrida por instituições escolares, procura-se identificar as possibilidades de construção de uma educação participativa e igualitária, que faça mais sentido para os estudantes, em que eles são ativos no processo de aprendizagem. Em resumo, descobre-se e familiariza-se com a escola do futuro que acontece no presente.

Justificativa

Em 2019, o Plano Nacional de Educação brasileiro completa cinco anos. A lei, que determina políticas públicas a serem alcançadas até 2024 pelas esferas federal, estadual e municipal com vistas a garantir a todos o direito à educação de qualidade, estabeleceu 20 metas e centenas de estratégias, mas os prazos não têm sido cumpridos.

Diante do contexto de redução de verbas para a área, uma pesquisa realizada pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação, divulgada em maio de 2019, apontou que o Plano está com 80% das metas estagnadas.

Tendo em conta que o desenvolvimento social e econômico de um país está diretamente vinculado à oferta de educação de qualidade, torna-se relevante e essencial tratar de estratégias de melhora de um cenário que se encontra deficitário.

Em uma conjuntura em que são levantadas questões como a falta de estrutura, violência no ambiente escolar, crise na relação professor-aluno, reforma do Ensino Médio, implementação da Base Comum Curricular, educação em tempo integral, é urgente que as instituições passem por uma renovação em busca de aperfeiçoamentos.

É preciso indagar se nossas práticas têm ajudado a nos tornarmos seres melhores, posto que o ato de educar pode ser o motor da construção de sujeitos éticos dotados de responsabilidade, solidariedade e de caráter para dar novos rumos à trajetória humana.

Ao longo da história, a educação de massa surgiu com uma promissora tentativa de democratizar a cultura superior das classes privilegiadas. Porém, o que conseguiu foi a formação de uma burocracia educacional e o ateneu como recrutamento militar ou industrial.

Para promover o diálogo entre as necessidades da sociedade, profissionais são estimulados a pensar em novos desenhos para a educação.

O momento atual é instável, de grande radicalização ideológica, de anti-intelectualismo, pós-verdades, desinformação e autoritarismo. Mais do que nunca, é preciso que a juventude seja educada para que seja apta a questionar o poder constituído, ao invés de ser vítima de manipulação, para que se empodere, tome decisões responsáveis, e que se liberte da alienação.

Com a intenção de reverter a situação, a ideia do documentário “Educ(ativa)” surge, dando espaço a ambientes escolares que foram capazes de transformar sua realidade e a dos envolvidos ao adotar metodologias ativas de aprendizagem.

Os personagens apresentados tomam forma através de sua própria voz, ficam conhecidos em seu jeito de se expressar, como se colocam, pela linguagem corporal, pelo brilho no olhar.

O espectador pode vivenciar um pouco da rotina dos estabelecimentos e entender melhor seu funcionamento.

Os ambientes escolares são dinâmicos e visualmente ricos. O meio audiovisual, então, é selecionado para que a audiência tire suas conclusões mediante às imagens.

Os elementos citados não poderiam ser contemplados com maior veracidade recorrendo a um relato escrito intermediado por um narrador.

Antes de seguir à investigação de ocorrências atuais, a produção volta-se à época da Grécia Antiga.

A escolha da Grécia como mote de estudo se dá porque sua educação historicamente teve uma natureza reflexiva e dialógica. A atividade acadêmica no período Antigo se associava ao interesse do jovem e menos à transmissão de informações orientada à formação técnica. Conduzia-se à sabedoria trazendo à tona o que o indivíduo tinha de melhor.

Em alguns casos, aplicava-se métodos de ensino que requeriam a participação do aprendiz e promoviam o pensamento crítico e a autoconsciência.

A prática revolucionária propunha, na desenvolvida cidade de Atenas, que as escolas (*scholé*, ou “espaço do ócio”, em português) fossem lugares abertos em que se estimulasse os debates, defesa de teses, contraposição de discursos.

Sócrates utilizava a maiêutica para despertar em seus discípulos novos saberes. Para o que seria a primeira fase, o filósofo empregava a ironia para confrontar a informação que o aprendiz julgava dominar e, depois, buscava “parir o conhecimento” através de reflexões.

Na *paideia* grega, discutia-se sobre que seres e que sociedade desejavam para aquela geração e para as gerações futuras. Dessa maneira, a educação tinha a função de preparar os cidadãos com valores e estruturas intelectuais indispensáveis para que participassem ativamente do sistema político que moldava suas vidas e garantia suas liberdades.

De acordo com Nathália Lipovetsky e Silva (2010, p. 2897):

O modelo de formação grego mantém até os dias de hoje sua atualidade e deveria ser adotado pela escola brasileira para formar pessoas para o efetivo e concreto exercício da cidadania, no lugar de apenas educar ou pretender educar as crianças com uma instrução meramente técnica.

Apesar da organização social completamente diferente e uma educação pouco estruturada em um sistema para ser comparado à situação atual, alguns elementos da prática de ensino grega poderiam ser resgatados.

Adotadas desde o século V a.C., as metodologias ativas dialogam com a vida contemporânea. Atualmente, elas encontraram respaldo nas ideias do educador pernambucano Paulo Freire, só que ainda despertam resistência entre docentes e pupilos por diversos motivos.

A maior referência dos últimos anos no cenário educacional é a Finlândia. O país figura nas primeiras posições do ranking do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) desde os anos 2000.

A iniciativa avalia as capacidades de leitura e de matemática e científica dos jovens de 15 anos. Para fins de comparação, o Brasil ocupa uma das últimas colocações nos dados de 2016, entre 72 nações.

A resposta em parte poderia ser explicada pela escolha feita na década de 70 de tornar a educação uma prioridade e fazer dela universal.

O território nórdico destaca-se pela igualdade na educação, alta qualificação de mestres e por constantemente repensar seu currículo, mesmo apresentando os melhores resultados.

Um diferencial importante é que, ali, os docentes, as escolas e as autoridades locais têm independência para decidir o que é ensinado (compor o currículo) e como (metodologia adotada).

Características incluem jornadas mais curtas, alimentação e material gratuitos, alfabetização aos sete anos, estrutura física ajustada a favorecer o aprendizado, educador como mediador, aulas expositivas cada vez mais esporádicas e com duração reduzida, auxílio da tecnologia, capacitação mais prática, avaliação contínua com o intuito de guiar.

Dados da OECD de 2013 mostram que 99% dos jovens concluem o nível básico de educação, sendo que 98% frequentam a rede pública.

Em contrapartida, apesar da divulgação de dados que denotam o sistema educacional brasileiro como um fracasso por inteiro, não é o que efetivamente ocorre.

No fim de 2015, o MEC mapeou iniciativas que fogem do modelo convencional. Pelo País, foram identificadas 178 instituições com propostas consideradas criativas e inovadoras.

Entre as 48 unidades localizadas no estado de São Paulo, estão a Escola Politeia e a EMEF Pres. Campos Salles, que figuram o documentário em questão.

A Politeia, que fica no bairro da Água Branca, tem como missão formar sujeitos políticos atuantes na comunidade em que vivem.

O nome do estabelecimento remete às cidades-estado da Grécia Antiga e faz completo sentido com o plano pedagógico proposto. Assuntos que competem ao cotidiano dos jovens são submetidos a assembleias, assim como na “polis” grega.

Já a Campos Salles, situada em Heliópolis, abriga 830 educandos divididos em grandes salões de aproximadamente 100 indivíduos, que são orientados por três mentores cada. Inspirada na Escola da Ponte, em Portugal, são adotados os roteiros de estudo, criados de acordo com o interesse dos discentes, que trabalham em grupo.

Desejo, com esse TCC, sensibilizar para a necessidade de mudança no ambiente escolar e fazer refletir sobre técnicas que podem melhorá-lo ao apresentar, entre as múltiplas e diversas formas de ensinar e aprender, uma possibilidade que favorece a participação ativa.

Procuo mostrar que a educação está se abrindo a um novo diálogo, marcado por valores que colocam os estudantes no centro do processo educativo, compreendendo-os como protagonistas de suas próprias vidas, de seus territórios e do mundo.

Ao tornar conhecidos exemplos de experiências transformadoras, gostaria de fortalecer, potencializar e multiplicar as iniciativas.

Entretanto, para que isso aconteça, é preciso que o sistema sofra alterações estruturais. Os baixos salários fazem muitos educadores trabalharem em duas ou até três instituições, resultando em profissionais cansados e com pouco tempo e recursos para se aperfeiçoarem e se dedicarem a preparar aulas de qualidade.

Fundamentação teórica

No livro “Pedagogia da Autonomia”, Paulo Freire diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. O educador defende uma prática progressista e crítica, por oposição ao que chama de “ensino bancário”. Por esse, entende-se o tradicionalismo escolar pelo qual o aprendiz é adestrado para memorizar mecanicamente o conteúdo ditado pelo mestre.

A narração, por sua vez, transforma os estudantes em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (FREIRE, 2005, p. 58).

Segundo Mizukami (1986), a concepção tradicional de ensino parte do pressuposto que somente o docente detém o saber e os discentes devem absorver tudo o que ele lhes oferece de maneira fragmentada.

O mestre é considerado uma autoridade intelectual e moral para o aprendiz, formando assim uma relação social vertical rígida.

Para instruir-se neste tipo de abordagem educacional, o aluno tem que apenas escutar, manter o silêncio, ficar atento, repetir tantas vezes quanto forem necessárias, escrever, ler e aderir em sua mente o que o professor passou (BECKER, 1994).

Ocasionalmente, os jovens podem fazer perguntas ao final de uma aula, se o tempo permitir. Contudo, as questões levantadas já possuem uma resposta correta. Não há poder de escolha sobre a criação de novas soluções. Ademais, os pupilos quase nunca tomam notas sobre o que é dito pelos outros colegas; a própria interação entre eles é interpretada como falta de respeito, dispersão e indisciplina.

A motivação para a realização do trabalho, então, dependerá dos atributos pessoais do mestre para manter o discípulo interessado e atento.

A aprendizagem ocorre na intervenção do professor. Esse tipo de relação visa apenas a atuação de um dos pólos, o do docente (MIZUKAMI, 1986). É nesse aspecto que muitas críticas são realizadas a tal modelo de ensino.

Entre as características básicas estão o uso de apostilas, livros e cartilhas, aulas expositivas, separação etária, padronização, uniformidade, desempenho medido por provas, resultados mensuráveis, normas de comportamento (horário, frequência, silêncio), punições, competição entre os colegas, organização das salas em fileiras voltadas a um quadro.

Preocupa-se mais com a variedade e quantidade de noções, conceitos e informações do que com a formação do pensamento reflexivo do aprendiz. O discente é limitado a ouvir o conteúdo pronto (MIZUKAMI, 1986).

Apesar das conquistas louváveis à didática e dos bons resultados atingidos em rankings escolares, instituições de ensino tradicionais podem causar estresse e doenças emocionais devido a tanta pressão, exigência e excesso de conteúdos. Aumento de nervosismo, crises de insônia e depressão são exemplos de problemas que podem ser gerados pelo grau elevado de cobrança.

Ao estudante, não resta qualquer espaço ou ocasião “em que ele mande”. Quando chega ao ateneu, é direcionado para uma sala, às vezes até para uma carteira específica, onde deverá permanecer por um tempo determinado. Toda sua circulação no ambiente será definida por outros, assim como o currículo que seguirá, o material que utilizará, a forma como seu aprendizado será comprovado. Se não compreender satisfatoriamente, muitos culparão os professores, que, então, responsabilizarão a família e a falta de vontade do próprio jovem. Não é estranho que o adolescente não se sinta motivado em uma situação dessas (LOVATO et al., 2017).

Segundo Freire, a educação deve estimular a inquietação, a criatividade e a persistência, ser um processo prazeroso e de descoberta, para além de uma cultura meramente enciclopédica, apartada do contexto histórico-social do discente, que, no caso, memoriza os assuntos com a finalidade de expor os conhecimentos em uma prova.

O ensino que, em diversos aspectos, ainda predomina hoje nos institutos constituiu-se após a Revolução Industrial e implantou-se nos chamados sistemas nacionais, configurando amplas redes oficiais criadas a partir de meados do século 19, justo no momento em que, consolidado o poder burguês, aciona-se a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de assentamento da ordem democrática, ao converter súditos em cidadãos (SAVIANI, 1991, p. 54).

Para suprir as necessidades da industrialização e servir de alternativa ao ateneu medieval, de base religiosa, a educação de massas surge em uma época de baixo acesso às informações e de quantidade selecionada de conteúdo, e não sofreu grandes alterações desde então.

Seria, na verdade, uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica. (FREIRE, 1981, p.73).

A vantagem é que o professor possui maior controle da aula, pois é o centro do aprendizado (PINHO et al., 2010). Porém, também apresenta desvantagens, como o fato de os alunos apenas assimilarem o que é repassado e não construírem um pensamento crítico (BACKES et al., 2010).

Outro ponto negativo, segundo Haddad et al. (1993, p. 98), está relacionado ao desenvolvimento dos aprendizes. Visto que eles são sujeitos passivos, esse método “constantemente, impede a iniciativa, a criatividade, a autorresponsabilidade e a autodireção, que por sua vez, impedem a autorrealização”.

Vale salientar que a condenação ao ensino tradicional efetuada pelos educadores em formação virou senso comum. Geralmente, eles rejeitam tal prática, mas há evidências de que, apesar de todas as repulsas, continua-se fazendo aulas quase idênticas as dos anos 60 (CARVALHO, 1994, p. 83).

A partir do final do século 19, na busca pela superação da concepção tradicional, surgiram iniciativas visando à implantação de modos de ensino alternativos. Desponta, então, a Escola Nova com uma proposta inovadora, na qual o aluno passa a ser o centro do processo. O educador torna-se uma figura mediadora, priorizando o aprimoramento do educando, agora agente ativo e participativo. Os conteúdos ganham significação, são

expostos através de práticas variadas como trabalhos em grupo, pesquisas, jogos, experiências, entre outros.

Nesse contexto, pensadores como Jean Piaget, Lev Vygotsky, John Dewey, Maria Montessori e Rudolf Steiner demonstraram a importância da ação de cada indivíduo na construção da própria inteligência.

No panorama atual, o contraste entre o universo escolar e as exigências do mundo contemporâneo faz-se ainda mais evidente.

A sociedade de hoje não é mais a do saber fechado, estático e tranquilizador. Ela apresenta-se instável, com mudanças excepcionalmente rápidas, não só ao nível dos conhecimentos, mas também ao das técnicas e das atitudes (Comissão Europeia, 1995).

A Era da Informação impõe um ritmo de transformação constante devido à produção acelerada de conteúdos, enquanto vida e tecnologia tornam-se inseparáveis. Novos comportamentos culturais, hábitos de pensar e agir – habilidades, competências – estão sendo cada vez mais valorizados pelo mercado laboral, que clama por profissionais mais criativos, colaborativos, comunicativos, proativos, analíticos, dinâmicos, capazes de se adaptar rapidamente, que tenham iniciativa e liderança.

Marshall McLuhan (1960) afirma que:

A maior parte do ensino acontece fora da escola. A quantidade de informação comunicada pelos jornais, revistas, filmes, canais de televisão e rádios excedem em grande medida a quantidade de informação comunicada pela instrução e textos na escola. Esse desafio destruiu o monopólio do livro como ajuda para o ensino e derrubou os próprios muros das escolas de um modo tão repentino, que estamos confusos, desconcertados.

As instituições que não acompanharam a mudança de paradigma podem ser consideradas ultrapassadas.

A contribuição das reformas clássicas, como linhas pedagógicas montessoriana, Waldorf, construtivista, tem seu devido mérito, só que não são suficientes para responder aos problemas atuais como um todo. Frente a isso, algumas instituições de ensino assumem a vanguarda ao propor transformações radicais por meio da experimentação, enquanto outras introduzem inovações de um jeito mais gradual. A motivação, em geral, parte do mesmo objetivo: engajar mais os jovens e prepará-los para a vida no século 21.

O modelo não-tradicional baseia-se nas concepções investigativa e reflexiva, privilegiando-se a compreensão, a consciência crítica e a responsabilidade, e a postura é de cooperação entre os elementos da ação educativa (SILVA, 2006, p. 24).

No processo de ensino-aprendizagem não-tradicional, o professor deve levar em consideração que o conhecimento está em construção e, por esse motivo, deve utilizar metodologias adequadas para repassar sua experiência e preparar o estudante para a busca constante do saber (MIRANDA; CASA NOVA; CORNACCHIONE JÚNIOR, 2012).

Qualquer tipo de aquisição de conhecimento implica em alguma ação estudantil, mas a aprendizagem ativa, em um sentido restrito do termo, Ledić (2006) define como a capacitação para ter um alto nível de autonomia e automonitoramento, e a aplicação de várias estratégias mentais e específicas habilidades cognitivas para analisar e comparar,

construir novos saberes sobre as experiências anteriores e pensar criticamente. Em virtude dos múltiplos processos, a retenção de informações é mais duradoura.

A escola ativa concede a aprendizagem como um procedimento de aquisição individual, segundo condições personalíssimas de cada discípulo:

[...] Os alunos são levados a aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas apresentadas, quer em relação a um ambiente de coisas, de objetos e ações práticas, quer em situações de sentido social e moral, reais ou simbólicos. (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 151).

É compreendida como ativa, pois o aprendizado ocorreria em um movimento, resultado de impulsos emotivos naturais em que aspectos biológicos são respeitados. E as ações devem ser organizadas de acordo com as etapas de formação de cada criança. “A escola passa a preocupar-se em entender como o aluno aprende” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 19).

Winestone e Millard (2012) descrevem a aprendizagem ativa como “atividades significativas que exigem pensamento de ordem superior e desenvolvimento de habilidades sobre a mera transferência de informação” (p. 34) para levar a uma avaliação designada como “informação comunicada a um aluno que se destina a modificar suas ideias ou comportamento com a finalidade de melhorar o entendimento” (p. 32).

As definições e características gerais de Bonwell e Eison (1991) comumente associadas ao uso de estratégias que promovem a aprendizagem ativa em sala de aula são: menos ênfase na transmissão de informações; envolvimento em análise, síntese e avaliação; participação (por exemplo, ler, discutir e escrever).

Parte-se do pressuposto que metodologias de ensino são:

Práticas pedagógicas operacionalizadas por meio de conjuntos de atividades escolares propostas pelos professores com vistas a alcançar a aprendizagem de determinados conhecimentos, valores e comportamentos. (TRAVERSINI; BUAES, 2009, p. 145).

Um programa de base ativa pode assumir muitas formas, desde a Aprendizagem por Investigação apoiada no método socrático até inovações recentes como a autoaprendizagem individualizada, a dramatização e a simulação. Todos esses procedimentos são, de certa maneira, centrados no educando.

Essa metodologia é um processo em constante formação, com propostas que se estruturam trabalhando a criatividade, coletividade e integração entre os participantes, que estão em aprendizagem constante durante a criação e a execução do projeto, tanto por parte dos alunos quanto dos professores. (OLIVEIRA, 2014, p.13).

Para dar conta dessa missão, as instituições passam a compreender os conteúdos acadêmicos como componentes de um currículo mais amplo e integrado, que estimula os alunos a: (i) conhecer e cuidar melhor de seu corpo, sua mente e suas emoções; (ii) desenvolver o pensamento crítico, lógico e científico, ampliando seu entendimento do mundo e sua capacidade de resolver problemas de forma criativa e inovadora; (iii) respeitar e apreciar as diferenças e a diversidade; (iv) comunicar-se em múltiplas linguagens e plataformas, relacionar-se e cooperar com os demais; (v) reconhecer e

exercer direitos e deveres, tomando decisões e agindo de modo ético, sustentável e responsável; (vi) definir metas, organizar-se e perseverar para alcançar seus objetivos e seu projeto de vida.

Nessas relações mais horizontais, existe oportunidade para a escuta, para o diálogo e para a construção colaborativa de conhecimentos de interesse real para a comunidade escolar.

Para Paulo Freire, o saber é elaborado coletivamente através de um padrão de ação-reflexão-ação. Esse método consiste, portanto, na criação de um espaço formativo de diálogo e na experiência intergeracional.

A gestão é aberta e compartilhada entre os membros: administradores, educadores, educandos, famílias e comunidade. Todos aprendem juntos, desenvolvem-se e beneficiam-se mutuamente, ao mesmo tempo que transformam e impactam positivamente o lugar em que vivem e convivem.

Para suprir essa demanda, instituições adotam a prática de assembleias, na qual são deliberadas as mais diversas questões do ambiente e os participantes têm direito a voto de maneira igual.

Existem muitos professores, diretores ou representantes que têm medo de deixar os alunos serem protagonistas, pois acreditam que eles podem não ser capazes, já que estão acostumados a sempre seguirem o que é passado para eles e raramente vão além disso.

No entanto, a conquista da autonomia intelectual e moral depende de o estudante ter liberdade de escolha. A autonomia é o ponto de partida: aposta-se no desejo que o indivíduo tem de conhecer e desenvolver-se; cria-se um ambiente em que ele tem alternativas. Seguindo suas necessidades, interesses, talentos e limitações, buscando atingir objetivos específicos, em seu ritmo, os pupilos desenham suas próprias trajetórias, inclusive através de um currículo total ou parcialmente flexível.

Levando em consideração seus repertórios cultural e social, as crianças e adolescentes podem direcionar o processo de aprender a partir de suas experiências e questionamentos. Percebe-se que memorizar para reproduzir conteúdos que hoje são facilmente acessíveis é pouco eficiente da perspectiva da aquisição.

Trabalhos teóricos diversos, como os de Sadovsky (2007), demonstram que a aprendizagem de fato significativa não se dá meramente pela exposição verbal do mestre e pelo treino mecânico e descontextualizado. Segundo essas pesquisas, ela ocorre pela interação dos pupilos com o conhecimento. Quanto mais os sujeitos tiverem a oportunidade de refletir sobre um determinado assunto, seja trocando ideias, praticando, experimentando, elaborando projetos, comunicando suas descobertas e dúvidas, escrevendo ou representando, mais eles terão condições de compreendê-lo e dominá-lo plenamente.

Ademais, a aprendizagem verdadeira está em um ambiente livre do medo e da ansiedade, quando o saber é reconhecido como relevante pelo estudante. Essas condições são atendidas no momento em que os educandos podem direcionar sua formação e há um especialista ao seu lado para apoiá-los, fornecer as ferramentas de que precisam e prover comentários construtivos.

(FREIRE, Paulo apud MIZUKAMI, 1986) diz que essa abordagem permite ao indivíduo chegar a ser sujeito da educação quando participante ativo da história, da coletividade e da transformação da realidade, e o mais importante, da sua própria capacidade de transformá-la.

O resultado, conseqüentemente, são pessoas de mente aberta, éticas, tolerantes e responsáveis, sem medo de arriscar, que demandarão um padrão elevado, que não hesitarão em expressar suas opiniões e saberão como colocá-las e como ouvir as dos outros. Ou seja, cidadãos educados e ativos, compatíveis com uma sociedade democrática moderna.

Referencial teórico e filmográfico

A obra do educador e filósofo Paulo Freire serviu de inspiração e base para o “Educ(ativa)”, principalmente os livros “Pedagogia do oprimido” e “Pedagogia da autonomia”.

Freire simboliza a transformação. Ele discorre sobre a necessidade de revisão do sistema tradicional e ainda fornece diretrizes de como promover mudanças significativas e melhorar a qualidade da educação de maneira revolucionária. Suas ideias estão completamente afins às metodologias ativas destacadas no documentário.

A disciplina “História da Educação” oferecida pela Faculdade de Educação da USP, por mim cursada no início de 2018, proporcionou uma bibliografia de grande valor, especialmente ao tratar do desenvolvimento, estruturação e consolidação do sistema escolar. Além disso, questões levantadas em classe serviram de guia constante.

Situação similar aplica-se ao curso “Launching Innovation in Schools”, oferecido pelo EdX e o Massachusetts Institute of Technology (MIT). O material das aulas viabilizou a elaboração de perguntas que tivessem maior relação com o ambiente acadêmico atual, no que diz respeito aos seus desafios e possibilidades, o que respaldou as entrevistas.

Sobre o conteúdo audiovisual, a série “Destino: Educação: Escolas Inovadoras”, exibida no Canal Futura, foi minha maior referência, tanto na parte técnica, quanto na abordagem e assuntos levantados. Os vídeos de “Educação.doc” e “Corações e Mentes - Escolas que Transformam”, bem como os documentários “Quando Sinto que Já Sei” e “Educação Proibida”, também tiveram real importância na escolha de tratamento do tema.

Por outro lado, em minha produção, preferi não apenas mostrar a necessidade de renovação escolar ou isolar os casos de sucesso, e sim abordar ambos de forma coesa e completa, levantando indagações e propondo reflexões.

Em um sentido mais amplo e inspiracional está o filme “Capitão Fantástico”, que tem como mote o questionamento do propósito da educação e do processo educativo.

Memorial descritivo

Temática

As primeiras dificuldades começaram logo na concepção do projeto. Refleti muito sobre o que eu gostaria de investigar; várias ideias surgiram, era preciso, porém, ser viável de se executar na carência de uma equipe, em um prazo limitado e que coubesse no formato documentário, um requisito criado por mim porque queria experimentar esse modelo.

Tendo em vista que a elaboração seria de pelo menos um ano, decidi que a abordagem seria positiva e com um viés esperançoso, para que, mesmo com os desafios futuros, eu seguisse motivada.

Por fim, determinei que o escopo seria a renovação escolar. O enfoque variou, passando de institutos alternativos para inovação em educação, esse último sendo demasiadamente amplo.

Diante disso, pesquisei mais a fundo sobre o que poderia ser tratado dentro do assunto, coletei dados acerca do histórico escolar no Brasil e no mundo e acabei delimitando um foco específico nas metodologias ativas.

Financiamento

Uma vez definido o tema, entendi que seria interessante investigar perspectivas exteriores também, principalmente na Grécia, cuja abordagem nos tempos antigos conecta-se com a situação atual e não é explorada em nenhuma produção audiovisual.

Em contrapartida, minha ambição tinha um custo elevado. Sem qualquer financiamento da própria Universidade de São Paulo ou fontes externas, tive que encontrar alternativas para executar o projeto sem abandonar completamente a ideia da expedição internacional.

Juntando economias pessoais e negociando com a minha família, pude marcar a viagem que contou com um orçamento apertado.

Nesse aspecto, o projeto poderia ter alcançado melhores resultados com mais recursos. Por exemplo, eu poderia ter passado mais dias na Finlândia e com isso acompanhar o estabelecimento por um período maior, conseguindo uma diversidade maior de imagens. Na Grécia, eu poderia ter me deslocado até iniciativas e personagens afastados dos grandes centros.

Escolas

A definição dos locais a serem filmados contou com seus próprios desafios. Muitas horas de pesquisa foram empreendidas no mapeamento de todas as experiências que se enquadravam nas características que eu buscava nos territórios que seriam visitados.

Uma vez fixado os melhores exemplos, entrei em contato em diversas oportunidades com as instituições. Foi fundamental que o agendamento das visitas tivesse sido realizado com bastante antecedência, caso contrário, possivelmente nenhuma entidade teria me recebido.

Apesar de minha ida à França, percebi que o país não se destacava no campo e optei por não filmar nenhuma escola. Já na Dinamarca, não obtive a autorização para conhecer os institutos mais notórios.

De modo geral, poucos foram os lugares que se dispuseram a se abrir para mim. O obstáculo de maior dificuldade foi enfrentado na Finlândia. Posto que a nação recebe constantemente visitantes interessados nos espaços, a demanda é alta e não pode atender a todos, o que faz com que certos estabelecimentos inclusive cobrem pelo acolhimento.

Posterior a intensa insistência, consegui a aceitação de uma única instituição dias antes de desembarcar no país.

Outro problema foi encarado na Dimotiko Sxoleio Fre. O fato de ser uma concepção pública, sem disciplinas fixas no interior de uma vila em uma ilha é ímpar na Grécia, mas a área é extremamente inacessível. Conteí, então, com a colaboração do diretor, que me ajudou com o deslocamento em Creta, da cidade de Chania até Fre.

Nem todas as visitas corresponderam às minhas expectativas. A Hill Memorial School, em Atenas, teve sua participação excluída da versão final porque após dois encontros, entrevistas e filmagens, constatou-se que o perfil não condizia à proposta do “Educ(ativa)”. Ainda que a Hill seja referência no cenário local e uma entidade altamente respeitada, os estudantes têm pouca voz ativa e poder de decisão, também são adotados elementos como cadeiras enfileiradas e aulas expositivas como o principal recurso.

Autorizações

A predileção pelo meio audiovisual implicou no desafio de lidar com burocracias. Para filmar menores de idade na Grécia, seria necessário uma permissão especial do Estado.

Meses antes de minha chegada, antecipando a morosidade, entrei em contato com variadas entidades governamentais para me informar acerca do procedimento. Foram comunicações com o Ministério grego da Educação e Assuntos Religiosos, a Embaixada do Brasil em Atenas, a Secretaria de Estudos de Educação Primária, a Direção de Estudos de Educação Secundária, sem qualquer definitiva ou orientação clara. Mais de cinco meses haviam se passado; foi então que uma mestra da Universidade de Atenas, para a qual conteí minha dificuldade, sugeriu que eu contatasse o Instituto de Política Educacional, um braço do Ministério.

O Instituto respondeu que para conduzir pesquisas em ateneus gregos, eu deveria preencher um documento fornecido por eles, que seria repassado ao Ministério e uma vez autorizado, voltaria ao IEP para que eles igualmente aprovassem. O processo levaria mais dois meses e todo o material que eu tinha deveria ser traduzido para o grego e entregue pessoalmente.

Faltavam poucas semanas para eu deixar o país e as gravações haviam sido finalizadas com a permissão das escolas.

Após conversar com um documentarista que realizou produções no local, optei por não dar continuidade à tentativa de obter a autorização oficial e não expor demasiadamente as crianças na edição.

Já no Brasil, antes de poder entrar na EMEF Pres. Campos Salles com uma câmera, precisei enviar meu projeto detalhado acompanhado de diversos documentos para a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Além de sua aprovação, tive que receber a autorização da Diretoria Regional de Educação do Ipiranga, o que demandou muita insistência e espera.

Metodologia

Nas escolas, foi constatado, através das filmagens e entrevistas: infraestrutura, profissionais envolvidos, uso de tecnologia, promoção de Direitos Humanos, pedagogia, currículo, atividades, distribuição de poder, relação entre docentes e discentes, motivação dos alunos, interação entre os jovens, uso de livros didáticos, avaliações, reflexões, ambiente de aprendizado, como se relacionam com questões contemporâneas, condição de trabalho dos educadores, capacitação, pontos fortes do sistema, desafios enfrentados.

Consequentemente, para dar voz aos principais atores do meio, foi colhido o depoimento de diretores, professores, coordenadores e pedagogos, bem como indivíduos de 7 a 15 anos para entender a experiência deles. Para tanto, buscou-se um panorama sobre o impacto desse tipo de educação na vida de quem está próximo.

Foi explorado o envolvimento dos pais e de outras organizações. Sobre os responsáveis, pretendeu-se compreender sua visão, porque escolheram aquele estabelecimento, o quão integrados eles se sentem, em que medida se dá sua participação e resultados esperados e atingidos.

Além disso, houve a escuta de historiadores, filósofos, especialistas e estudiosos da Educação e formuladores de políticas públicas.

Entrevistas

Na seleção de personagens, houve a preocupação de abranger uma multiplicidade de discursos. Para satisfazer essa demanda, figuram pessoas de idades, classes sociais, etnias e gêneros variados.

Apesar do desejo de estabelecer um diálogo com as mais diferentes personalidades, a barreira linguística restringiu as possibilidades.

Na Grécia, o nível de inglês geral não é dos mais altos e a minha competência de grego é básica, o que fez com que eu conversasse apenas quem tivesse um entendimento de inglês. Os entrevistados, porém, não se expressavam livremente e se viam limitados por não terem o completo domínio da língua estrangeira.

Houve uma tentativa na Neue Schule Athen de entrevistar crianças com auxílio da tradução de uma professora. No entanto, o resultado pareceu pouco natural e, ao final, optei por não incluir o trecho.

Para que eu realizasse o trabalho de maneira mais confiante, foi importante ter elaborado as perguntas previamente, assim também não deixava escapar aspectos significativos para o documentário.

O processo mais desgastante da produção inteira foi o agendamento de encontros no Brasil. Ao tratar-se de figuras políticas, a tarefa mostrou-se impraticável.

Minha intenção, desde os passos iniciais, era ter gravado os depoimentos de Rossieli Soares da Silva e de Marcelo Freixo e, ainda que fizesse o que estivesse em meu alcance para essa realização, os encontros não se concretizaram.

Rossieli foi ministro da Educação durante o governo de Michel Temer e atualmente é secretário da Educação do Estado de São Paulo. Seu testemunho seria de grande valia. Em fevereiro de 2019, fiz o primeiro contato explicando o projeto e logo ele aceitou. Sua assessora passou meses me dizendo que estava montando uma agenda que me encaixasse. Depois, outra profissional assumiu o cargo. A nova auxiliar, após negociações, me recebeu pessoalmente na Secretaria para saber minhas reais intenções, mais tarde pediu uma lista integral das perguntas que seriam feitas. Mais alguns meses dizendo que estava tentando me colocar entre os compromissos. Um terceiro assessor incumbiu-se da posição, totalizando seis meses de conversas telefônicas e trocas de emails sempre com a promessa de que eu iria conseguir falar com o político, só que meu prazo se esgotou.

No caso de Freixo, o deputado federal tem uma longa trajetória como professor e militante de uma educação de qualidade. A dificuldade inicial foi estabelecer a conexão; com algumas tentativas, cheguei no assessor. Mesmo com constante insistência e me mostrando completamente disponível para ir até o Rio de Janeiro ou a Brasília em qualquer dia e horário, não consegui os minutos de conversa que buscava.

Dificuldades técnicas

Desenvolver um documentário inteiro sozinha foi um grande desafio. Desempenhei o papel de pesquisadora, roteirista, produtora, diretora, operadora de câmera e áudio e editora.

Também não contei com apoio local em nenhum território do exterior. Com isso, tive que me informar sobre as diferentes culturas e realidades.

No decorrer das gravações, era necessário cuidar do tripé, da luz, do microfone, da filmagem e, simultaneamente, perguntar e prestar atenção nas respostas, regularmente em uma língua que não é a nativa, nem para mim, nem para o entrevistado.

A situação limitou um pouco a variedade de enquadramentos. Por mais que eu mudasse o posicionamento da câmera a cada depoimento, o plano médio era seguro, confortável e garantido e, por isso, foi adotado em praticamente todas as tomadas. Gostaria de ter diversificado a abertura durante as falas e até mesmo ter feito uso de mais filmadoras, mas optei por manter meu foco no conteúdo sobre a estética.

Pela quantidade de funções exercidas, alguns detalhes passaram batido como fio do microfone aparecendo e ambientes mais ruidosos que o normal.

Nas primeiras rodagens, não antecipei as muitas horas de funcionamento da câmera e a bateria descarregou, me obrigando a utilizar o celular, o que ocasionou um contraste aparente entre as imagens. Um período depois, adquiri uma bateria extra.

Em outra dimensão, a escolha de estar em diferentes países por uma duração determinada impossibilitou a gravação de novas imagens, seja de cobertura ou

entrevistas, fazendo com que, uma vez que voltasse, tivesse que trabalhar na edição com o que coletei.

Edição

O processo de edição foi exaustivo por inteiro. Para decupar o material de mais de 30h, ou seja, assistir aos vídeos e eleger os trechos mais relevantes de cada um, dediquei semanas.

Particularidades como escolha das fontes, seleção de imagens de cobertura, elaboração dos GCs (tarja com informações), trilha sonora, pesquisa de dados, correção de cor, criação de animação (cronologia e outras), acertos nos cortes, enquadramentos e som, levaram meses para ajustar.

Seria interessante e proveitoso para a produção acrescentar mais animações e outros recursos gráficos avançados. No entanto, não havia prazo hábil para essa execução e atualmente não possui a expertise necessária para tal.

Apesar disso, o trabalho braçal nem se comparou ao problema mais subjetivo de se encontrar uma linha narrativa em uma duração razoável. Meu primeiro corte era composto de 6h de gravação, com esforço cheguei em 3h30, depois em 2h, então em 1h30 e 1h. A cada redução, ficava mais difícil selecionar os melhores momentos. Eu estava há tanto tempo envolvida naquela mesma tarefa que precisei recorrer à ajuda externa.

Pedi a familiares, amigos e conhecidos que assistissem às versões e me dessem um feedback. Assim, ponderando as opiniões e experimentando, fui chegando na versão final.

A maior complicação estava por vir. Na semana de entrega, um problema inesperado e repentino no HD onde estava salvo o material me ocupou quatro dias sem avanço tentando resolver o problema e arriscando perder o trabalho de oito dias. Após essa resolução, ainda enfrentei diversas falhas no programa de edição e depois no próprio computador. Mesmo quando foi possível recuperar os arquivos e seguir com a montagem, inúmeros erros e atrasos ocorreram, o que requisitou demasiada paciência e autocontrole.

Bibliografia e filmografia

Leis, Livros e Artigos

ALVES, R. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papirus, 2001.

ARTIS, Anthony Q. *Silêncio: Filmando!*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

BACKES, D. S.; MARINHO, M.; COSTENARO, R. S.; NUNES, S.; RUPOLO, I. *Repensando o ser enfermeiro docente na perspectiva do pensamento complexo*. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília, v. 63, n. 3, p. 421-426, mai./jun. 2010.

BARRERA, Tathyana Gouvêa da Silva. *O movimento brasileiro de renovação educacional no início do século XXI*. Tese de Doutorado - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

BAUMOL, W. *Education for innovation: entrepreneurial breakthroughs vs corporate incremental improvements*. Nova York: Innov Policy Econ, 2005.

BECKER, Fernando. *Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos*. Porto Alegre: Educação & Realidade, v. 19, 1994, p. 89-96.

BONWELL, C.; EISON, J. *Active learning: Creating excitement in the classroom*. Washington, DC: George Washington University, ASHE-ERIC Higher Education Report, n. 1, 1991.

BRASIL. *Constituição Federal*, 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 out. 2019.

CARPENTER, Edmund; MCLUHAN, Marshall. *Explorations in Communication*. Boston: Beacon Press, 1960.

CARVALHO, Ana Maria Pessoa. *Paradigmas e métodos de investigação nas práticas de ensino: aspectos epistemológicos*. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: 7. Goiânia: UFG, v. 2, 1994.

CHRISTENSEN, C. M., HORN, M. B., JOHNSON, C. W. *Inovação na Sala de Aula: Como a Inovação Disruptiva Muda a Forma de Aprender*. Porto Alegre: Bookman, 2009.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS. *Ensinar e Aprender: Rumo à Sociedade Cognitiva*. "Livro Branco" sobre a educação e formação. Bruxelas: Comunidade Europeia, 1995.

CONDORCET, J. A. N. C., Marquis. *Instrução pública e organização do ensino*. Porto: LEN, 1943.

DARLING-HAMMOND, L. et al. *Powerful Learning: What We Know About Teaching for Understanding*. São Francisco: John Wiley & Sons, 2008.

DEWEY, John. *Democracia e Educação*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

ELIAS, Norbert. *O desenvolvimento do conceito de Civilité*. In: **O processo civilizador**. v. 1. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. *Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação*. Dissertação de mestrado - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

FERRIÈRE, Adolfo. *La escuela activa*. 2. ed. Madri: Francisco Beltrán Libreria Española y Extranjera, 1932.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. *The Politics of Education: culture, power, and liberation*. South Hadley, Mass: Bergin & Garvey, 1985.

GODIN, Benoît. *Innovation and Conceptual Innovation in Ancient Greece*. Montréal: Project on the Intellectual History of Innovation Working Paper No. 12, 2012.

HADDAD, M. C. L.; VANNUCHI, M. T. O.; TAKAHASHI, O. C.; HIRAZAWA, S. A.; RODRIGUES, I. G.; CORDEIRO, B. R.; CARMO, H. M. *Enfermagem médico-cirúrgica: uma nova abordagem de ensino e sua avaliação pelo aluno*. Revista Latino-Americana de Enfermagem. Ribeirão Preto: v. 1, n. 2, p. 97-112, jul. 1993.

HOFFMANN, J. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

ILLERIS, K. *How We Learn: Learning and Non-learning in School and Beyond*. London: Routledge, 2007.

KRUGER, L., & ENSSLIN, S. *Método Tradicional e Método Construtivista de Ensino no Processo de Aprendizagem: uma investigação com os acadêmicos da disciplina Contabilidade III do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina*. Organizações em Contexto, 9, 18, p. 219-270, 2013.

LEDIĆ, J. *Zašto ulagati vrijeme u aktivno učenje?*. Rijeka: Udruga za razvoj visokoga školstva "Universitas", 2006.

LOURENÇO FILHO, M. B. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.

LOVATO, Antonio. YIRULA, C. P.; FRANZIM, R. (Org.). *Protagonismo: a potência de ação da comunidade escolar*. 1. ed. São Paulo: Ashoka e Instituto Alana, 2017.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática*. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

MARROU, Henri-Irénée, apud SILVA, Nathália Lipovetsky e Silva. *A paideia grega como contribuição para a realização da Justiça através de uma educação para a cidadania e os*

- direitos humanos**. In: Encontro Nacional do CONPEDI, 19, 2010, Fortaleza-CE. Florianópolis: Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito, 2010, p. 2.896-2913.
- MEZIROW, J. **An Overview on Transformative Learning**. In: K. Illeris, Contemporary Theories of Learning. London and New York: Routledge, 2009.
- MIRANDA, G. J.; CASA NOVA, S. P. C.; CORNACCHIONE JUNIOR, E. B. **Os saberes dos professores-referência no ensino de Contabilidade**. Revista Contabilidade & Finanças. São Paulo: v. 23, n. 59, p. 142-153, mai./ago. 2012.
- MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.
- MORAN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres. (Org.). Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. v. 2, PROEX/UEPG, 2015.
- OLIVEIRA, L. P. L. **Metodologia de projetos: da segmentação de conteúdos a um ensino contextualizado e integrado à vida**. Monografia - Faculdade de Planaltina, Universidade de Brasília. Planaltina, 2014, p. 1-15.
- PEKO, Andelka; VARGA, Rahaela Varga. **Active Learning in Classrooms**. Život i škola, br. 31, god. 60, p. 59-75, 1/2014.
- PERKINS, D. **Making Learning Whole: How Seven Principles of Teaching Can Transform Education**. 1. ed. São Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2009.
- PINHO, S. T.; ALVES, D. M.; GRECO, P. J.; SCHILD, J. F. G. **Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares**. Motriz: Revista de Educação Física. Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 580-590, jul./set. 2010.
- PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: da Pré-Produção à Pós-Produção**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2009.
- SADOVYSKY, P. **Ensino de Matemática hoje: Enfoque, sentido e desafios**. São Paulo: Ática, 2007.
- SALVADOR, C. C. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1991.
- SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000.
- SENNET, R. **O corpo do cidadão na Atenas de Péricles**. In: Carne e pedra. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- SILVA, M. **O fundamento comunicacional da avaliação da aprendizagem na sala de aula online**. In: SILVA, M.; SANTOS, E. (Org.). Avaliação da aprendizagem em educação online. São Paulo: Loyola, 2006, p. 23-36.

TRAVERSINI, C. S.; BUAES, C. S. *Como discursos dominantes nos espaços da educação atravessam práticas docentes?*. Revista Portuguesa de Educação, v. 22, n. 2, p. 141-158, 2009.

VARELA, Júlia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. *Teoria e Educação*. Porto Alegre: Pannonica, n. 6, 1992, p. 68-96.

VASCONCELLOS, C. dos S. *Construção do conhecimento em sala de aula*. São Paulo: Libertad, 1995.

WINESTONE, N.; MILLARD, L. *Reframing perceptions of the lecture from challenges to opportunities: Embedding active learning and formative assessment into the teaching of large classes*. Psychology Teaching Review, 18(2), p. 31-41, 2012.

Publicações online

BOAVENTURA, Helayne. Em quatro anos, aumenta a insatisfação com a educação no país, segundo pesquisa da CNI e Todos Pela Educação. **Agência CNI de Notícias**, 3 abr. 2018.

Disponível em:

<noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/educacao/em-quatro-anos-aumenta-a-insatisfacao-com-a-educacao-no-pais-segundo-pesquisa-da-cni-e-todos-pela-educacao>. Acesso em: 10 out. 2019.

BRASIL tem 3ª maior taxa de evasão escolar entre 100 países, diz Pnud. **UOL**, São Paulo, 14 mar. 2013. Disponível em:

<educacao.uol.com.br/noticias/2013/03/14/brasil-tem-3-maior-taxa-de-evasao-escolar-entre-100-paises-diz-pnud.htm>. Acesso em: 10 out. 2019.

BRUINI, Eliane da Costa. Educação no Brasil. **Brasil Escola**, 2016. Disponível em:

<brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-no-brasil.htm>. Acesso em: 10 out. 2019.

DUARTE, Geiza. Auditoria aponta mais de 2 milhões de crianças fora das salas de aula. **G1**, 29 jan. 2018. Disponível em:

<g1.globo.com/educacao/noticia/auditoria-aponta-mais-de-2-milhoes-de-criancas-fora-das-salas-de-aula.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2019.

MAPA da Inovação e Criatividade na Educação Básica. **Simec**, 2015. Disponível em:

<simec.mec.gov.br/educriativa/mapa_questionario.php>. Acesso em: 10 out. 2019.

MOMENTO de ação global para as pessoas e o planeta. **ONU Brasil**, 2015. Disponível em:

<nacoesunidas.org/pos2015>. Acesso em: 10 out. 2019.

EDUCATION Policy Outlook: Finland. **OECD**, nov. 2013. Disponível em:

<oecd.org/education/EDUCATION%20POLICY%20OUTLOOK%20FINLAND_EN.pdf>.

Acesso em: 10 out. 2019.

OLIVEIRA, Elida. Plano Nacional de Educação está com 80% das metas estagnadas, diz estudo. **G1**, 27 maio 2019. Disponível em:

<g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/27/plano-nacional-de-educacao-esta-com-80percent-da-s-metas-estagnadas-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2019.

PISA 2015 Results in Focus. **OECD**, 2016. Disponível em:
<oecd.org/pisa/pisa-2015-results-in-focus.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

Material audiovisual

CAPITÃO Fantástico. Direção: Matt Ross. Estados Unidos: Electric City Entertainment, 2016.

CORAÇÕES e Mentas - Escolas que Transformam. Direção: Cacau Rhoden. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2018. Disponível em:
<globosatplay.globo.com/gnt/coracoes-e-mentas-escolas-que-transformam>. Acesso em: 10 out. 2019.

DEMAIN. Direção: Cyril Dion e Mélanie Laurent. França: Mars Films, 2015. Disponível em:
<vimeo.com/251289725>. Acesso em: 10 out. 2019.

DESTINO: Educação – Escolas Inovadoras. Direção: Sergio Raposo. Rio de Janeiro: Cine Group, 2016. Disponível em: <futuraplay.org/serie/destino-educacao-escolas-inovadoras>. Acesso em: 10 out. 2019.

EDUCAÇÃO.DOC. Direção: Luiz Bolognesi. São Paulo: Buriti Filmes, 2013. Disponível em:
<youtube.com/watch?v=yvaubrC7oiM>. Acesso em: 10 out. 2019.

A EDUCAÇÃO Proibida. Direção: Germán Doin. Argentina: Eulam Producciones, 2012. Disponível em: <youtube.com/watch?v=OTerSwwxR9Y>. Acesso em: 10 out. 2019.

QUANDO Sinto Que Já Sei. Direção: Antônio Sagrado, Anderson Lima e Raul Perez. São Paulo: Vekante Educação e Cultura, 2014. Disponível em: <youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg>. Acesso em: 10 out. 2019.

Considerações finais

A produção desse documentário me trouxe outro olhar para a educação, abriu minha mente para novas possibilidades. Após anos de rejeição ao ambiente escolar, devido a minha própria trajetória, me sinto hoje em harmonia e cheia de esperança.

A lógica de mercado trata a escola como uma empresa e o aluno como um cliente. Não obstante, essa realidade não é eficiente na vida contemporânea. Não por isso, a instituição perdeu sua importância e precisaria ser extinta.

Nem tudo é possível aprender vendo fazer, existem conhecimentos que têm que ser ensinados pedagogicamente, esse é o sucesso da escola. Para além disso, há o elemento de socialização, que não deve ser ignorado.

Não se pode pensar que as iniciativas apresentadas resolverão todos os problemas e serão o lugar perfeito para qualquer criança. O que conta é encontrar a entidade que está adaptada ao contexto familiar.

O instituto ideal pode não existir, mas temos profissionais que lutam por uma educação de qualidade, justa, transformadora, consciente e crítica, e isso já é mais do que a maioria faz.

Por outro lado, histórias de sucesso isoladas impactam nas realidades locais sem afetar muito o quadro geral. Então, é necessário que as experiências pontuais se conectem e que a sociedade se mobilize e se envolva com a causa, seja como professor, pais ou vizinhos.

Para alcançar o patamar desejado, não basta organizar expedições pelo mundo e trazer ao Brasil soluções milagrosas. Um projeto que funciona em um país de 5,5 milhões de habitantes, como a Finlândia, muito provavelmente não teria êxito em um cenário de dimensão continental.

Deve-se ter em mente também que a implementação das metodologias ativas é secundário quando se tem instituições que carecem de estrutura mínima, como saneamento básico. Os órgãos governamentais precisam criar condições com programas eficazes e que esses tenham continuidade e sejam estáveis independentemente da alternância de gestão política, porque essa questão não vai se resolver do dia para noite, serão décadas de esforço contínuo.